

Utilização do Facebook como Meio de Comunicação Eficiente com Autistas

Rosa M. Vasconcelos¹, Catarina Gouveia², Maria da Graça Guedes³

Abstract - The article aims at presenting a complete study on the use of Internet, namely the social network "Facebook", as an effective communication means and as a link of social interactions with knowledge society on Asperger Syndrome patients. The adopted methodology was the content analysis of the network profiles, concerning the communicational character which relates to the term "social interaction". Following the data analysis, it has been verified that this type of communication may be inclusive but not efficient. It is important to mention that this study did not provide answers or present a concise solution for a given problem. However, the authors aimed at presenting a reflection on the theme and point out that there are issues to be thoroughly considered. It is through these interrogations that other studies may be developed and the quality of social life, particularly that of individuals with some kind of Autism Spectrum Disorder, may be increased.

Index Terms — *Asperger Syndrome, Social Communication and Interaction, Internet — Facebook, Social and Digital Inclusion*

INTRODUÇÃO

O autista é apenas uma pessoa distinta como uma pessoa que viaja para um país em que tudo é diferente do habitual... a língua, a cultura, a religião. Ambos passam por dificuldades, ambos estão em constante tentativa de comunicar e perceber todos os atos que os rodeiam; a busca de integração e inclusão no mundo é algo inalterável. Uma dita complexidade que provém da relação entre eles, sujeitos que se cingem no mundo de um contexto sociocultural, patenteando a sua linguagem, as suas ferramentas, as suas ações e suas significações de todos esses elementos, face a um outro sujeito diferente (Passerino 2005, p.14).

No mundo da moda, um mundo submerso na aldeia global, é impossível "agradar a gregos e a troianos", pois existindo diferentes habitantes que se aglomeram em grupos distintos é necessário adotar determinada metodologia ou estratégia comunicativa para que se tornem eficientes. Como tal é necessário um conhecimento prévio sobre o perfil dos consumidores envolventes e suas atitudes perante determinado meio comunicativo.

Conjugando estes dois assuntos, naturalmente surge a Internet, como um possível e eficiente meio de

comunicação/interação social. É um facto que vivemos num universo cada vez mais global, onde a Internet tomou um lugar inquestionável e notório, com vantagens e desvantagens que devem ser supridas. Estes "dois complexos temas" podem correlacionar-se assumindo um papel de carácter imprescindível, para as pessoas com algumas lacunas na comunicação verbal. Podem complementar-se e proporcionar um quotidiano mais acessível, mais tangível a estes indivíduos.

No entanto o mundo da Internet é muito vasto, e analisando as suas possibilidades o mundo das redes sociais é aquele que demonstra um maior número de características que envolvem a interação social e comunicação, duas das barreiras que os indivíduos encontram aquando a atual sociedade do conhecimento.

Este estudo pretende ser um ponto de encontro entre o Autismo e a maior rede social, o Facebook, assim como servir como um elo de referência e atenção para a relação entre autista – tecnologias de informação e comunicação, autista - Internet e autista - redes sociais, e posteriormente uma relação autista – TICs/Internet/Redes Sociais - sujeitos. Todos os estudos que visem interligar todos estes recursos, podem suprir a dificuldade de inclusão social. Reunidas estas informações, o mundo da comunicação e/ou da moda poderá ou não utilizar este meio para comunicar com este público, ajudando a inclui-los na sociedade global.

Este estudo irá centrar-se na forma como a rede social Facebook poderá resultar numa comunicação eficiente com os indivíduos portadores de Síndrome de Asperger, resultando num meio de inclusão social e digital.

CONCEITOS TEÓRICOS

Na figura 1 encontram-se representados os vetores utilizados na definição dos conceitos teóricos e nos tópicos centrais que foram utilizados na revisão bibliográfica deste trabalho. Foi efetuada uma pesquisa sobre alguns dos estudos e conceitos teóricos que contextualizam esta problemática, pois só desta forma poder-se-á compreender o processo de pesquisa na sua totalidade, havendo uma maior capacidade para interligar e fundamentar os factos.

1 Rosa M. Vasconcelos, Escola da Engenharia, Departamento de Engenharia Têxtil, Campus de Azurém, 4800-048 Guimarães, Portugal, rosa@det.uminho.pt

2 Catarina Gouveia, mestre em Comunicação de Modal, Universidade do Minho, Departamento de Engenharia Têxtil, Campus de Azurém, 4800-048 Guimarães, Portugal, a.cat.gouveia@gmail.com

3 Maria da Graça Guedes, Escola da Engenharia, Departamento de Engenharia Têxtil, Campus de Azurém, 4800-048 Guimarães, Portugal, mgg@det.uminho.pt



FIGURA1
PESQUISA EFETUADA

Olhando para a síndrome de um ponto de vista histórico, existem algumas datas e nomes sonantes que marcam o “caminho” do Espectro do Autismo. No início de 1900, a palavra de carácter classificativo de um indivíduo – autista, e o termo – Autismo, foram introduzidos na literatura, respetivamente, por Plouller e Bleuller para se direcionarem a uma certa demência precoce. Tratava-se de um sinónimo para a perda de contacto com a realidade que se produz no processo do pensamento na síndrome de esquizofrenia (Martins 2009, p.9). Em 1943, através de um estudo do psiquiatra infantil - Leo Kanner, foi identificada a “doença” como sendo uma Perturbação no desenvolvimento da criança, uma disfunção no progresso normal do Sistema Nervoso Central. Após observar um grupo de onze crianças com esta síndrome, Kanner enumerou um conjunto de características semelhantes que predominavam no grupo, apesar das diferenças individuais conforme o grau do distúrbio. Assim, as primeiras apresentações clínicas aceites como descrição do distúrbio apontam para um profundo afastamento autista; um desejo autista pela conservação da semelhança; uma boa capacidade de memorização mecânica; uma expressão inteligente e ausente; um mutismo ou linguagem sem intenção comunicativa efetiva; uma hipersensibilidade aos estímulos; uma relação estranha e obsessiva com objetos e uma linguagem extremamente literal – a ecolalia.

Mais tarde, já na década de 1970, Lorna Wing⁴ desenvolveu um estudo epidemiológico onde concluiu que todas as crianças diagnosticadas com Autismo, estavam correlacionadas com uma tríade de características muito específicas: a dificuldade na Interação Social, a dificuldade na Comunicação e a dificuldade na Imaginação.

Desde então, até aos dias de hoje os estudos sobre o Autismo são cada vez mais frequentes, sendo que tendem a contribuir cada vez mais para o aumento da qualidade de vida dos indivíduos portadores desta Perturbação no Espectro do Autismo, considerada, atualmente, uma Perturbação Global de Desenvolvimento.

Comparando os primeiros pensamentos, de demência mental ou esquizofrenia, com o termo Autismo, subsiste uma clara distinção tendo como base, três tópicos elementares: a possibilidade de melhoria dos indivíduos, a

⁴ Lorna Wing, psiquiatra inglesa que estudou, inúmeras vezes e de diversas formas, o Autismo. Mãe de uma criança autista fundou a National Autistic Society no Reino Unido em 1962.

ausência de alucinações e o facto de as crianças apresentarem um desenvolvimento perturbado desde os primeiros anos de vida, em vez de um declínio das suas capacidades após um período inicial de um desenvolvimento típico de esquizofrenia (Oliveira 2009, p.11).

Segundo alguns estudos, o Autismo está associado a três possíveis problemas de causa: anomalias biológicas, comportamentais ou cognitivas. Se por um lado enumeram-se os dados estatísticos desta população, sendo que algumas pesquisas apontam para disfunções cerebrais em 90% dos casos e para uma probabilidade de 75% para que haja outro familiar no seio quando já existe outro membro autista; por outro lado é completamente visível através dos comportamentos constantes que algo advém de carácter comportamental e cognitivo, uma vez que existem padrões de comportamento que demonstram défices nas áreas de Comunicação-socialização e imaginação, e desfasagens cognitivas relacionadas com atividades simbólicas e de aprendizagem (Passerino 2005, p.67-68). Universalizando, e segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR 2002, p.69), o Autismo ou Perturbação Autística inclui-se no grupo das “Perturbações Globais do Desenvolvimento”. Não se considerando o Autismo uma doença (por si só), mas sim, um distúrbio de desenvolvimento complexo e regido, de acordo com uma tríade de dificuldades em áreas distintas, é algo pouco linear. Esmiuçando as palavras, “o Autismo resulta de uma Perturbação de determinadas áreas do sistema nervoso central, que afetam a linguagem, o desenvolvimento cognitivo e intelectual e a capacidade em estabelecer relações (Martins 2009, p.12).” É um conjunto desses “défices qualitativos que definem estas perturbações, claramente inadequados para o nível de desenvolvimento do sujeito ou para a sua idade mental (DSM-IV-TR 2002, p.69)”. O Autismo é “uma desordem do desenvolvimento que se manifesta durante toda a vida”, não existindo cura mas sim um atenuar de comportamentos aquando o diagnóstico precoce (The National Autistic Society n.d.).

De acordo com a tríade de dificuldade que engloba a capacidade de Sociabilização, Comunicação e Imaginação, existem diversos graus de severidade de Autismo, daí o termo “Perturbações no Espectro do Autismo”. Espectro metaforizando um leque de variantes, como a Transtorno ou Perturbação Autista, Perturbação de Rett, Perturbação da Segunda Infância, Perturbação de Asperger e Perturbação Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (Geraldes 2005, p.5).

Para que uma pessoa seja diagnosticada com alguma Perturbação no Espectro do Autismo (PEA) tem que obedecer a alguns critérios relacionados com a tríade de dificuldades. De acordo com a Associação Psiquiátrica Americana (DSM-IV), relativamente à Interação Social (grupo 1) os indivíduos podem apresentar um “acentuado défice no uso de múltiplos comportamentos não-verbais: contacto ocular, expressão facial, postura corporal e gestos reguladores da interação social; incapacidade para

desenvolver relações com os companheiros, adequadas ao nível de desenvolvimento; ausência da tendência espontânea para partilhar com os outros prazeres, interesses ou objetivos e falta de reciprocidade social ou emocional.” Ao nível da Comunicação (grupo 2) pode verificar-se “atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem oral (não acompanhada de tentativas para compensar através de modos alternativos de Comunicação, tais como gestos ou mímica). Nos sujeitos com um discurso adequado, uma acentuada incapacidade na competência para iniciar ou manter uma conversação com os outros, uso estereotipado ou repetitivo da linguagem e ausência de jogo realista espontâneo, variado, ou de jogo social adequado ao nível de desenvolvimento.” Por último, no que diz respeito aos padrões de comportamento, interesses e atividades destes indivíduos (grupo 3), mencionam-se características como “a preocupação absorvente por um ou mais padrões estereotipados e restritivos de interesses que resultam anormais, quer na intensidade quer no seu objetivo; a adesão, aparentemente inflexível, a rotinas ou rituais específicos, não funcionais; os maneirismos motores estereotipados e repetitivos e a preocupação persistente com partes de objetos.” Segundo o citado no Manual de Perturbações Mentais, para que a criança seja diagnosticada com Autismo tem que se presenciar pelo menos seis itens dos critérios especificados e classificados nos grupos 1, 2 e 3 com a seguinte restrição: devem estar incluídos nesses itens, pelo menos dois itens do grupo 1 e um item de cada um dos outros dois grupos.

Apesar do Autismo não ter cura, um diagnóstico precoce ajuda a que os indivíduos portadores alcancem um nível de vida mais satisfatório. Face ao diagnóstico é necessário que o sujeito e o seu meio envolvente se adaptem à grande mudança. Alguns médicos já defendem que é possível diagnosticar este tipo de Perturbação, nos primeiros momentos da vida de uma criança, sendo que a criança apresenta desde muito cedo problemas na interação e socialização, com os outros sujeitos.

O percurso histórico da “Síndrome de Asperger” cursou, genuinamente, as linhas análogas do Autismo. Surgiu em 1944, um ano após a publicação de Kanner, quando um pediatra alemão – Hans Asperger estudou um grupo de crianças, descrevendo um conjunto de sintomas fortuitos de uma nova desordem de desenvolvimento/personalidade (Passerino 2005, p.73).

Remetendo para a Comunicação relacionada com as crianças autistas, estas apresentam dificuldades nas relações sociais uma vez que são afetadas pela linguagem aquando da Comunicação, assim como no jogo simbólico ou imaginativo. Os indivíduos com perturbações no Espectro do Autismo não conseguem distinguir facilmente as metáforas e mil provérbios. Segundo um estudo de Oliveira (2009, p.54), a Comunicação e a linguagem são os campos mais afetados no mundo autista, requerendo maior atenção e estudo. Estas áreas são incontornáveis uma vez que influenciam toda a sociabilidade de um “eu”; quanto maior interação maior o

ensejo de uma linguagem harmonizada (Oliveira 2009, p.25).

Segundo um estudo de Ferreira (2009, pp.16-17) sobre a Comunicação de crianças com Perturbação de Espectro do Autismo, pode afirmar-se que estas para além das dificuldades no uso de linguagem falada para comunicar, também não conseguem compensar na totalidade com linguagem de carácter alternativo, só em caso de necessidade material. Apesar de, muitas vezes, as suas dificuldades se minimizarem comparativamente, a voz e tudo pela qual a influência não é capaz de ser satisfatória, a linguagem é sempre muito formal.

Segundo Miranda, comunicar de forma a englobar crianças com autismo, pode corresponder a estratégias como: modulação da voz - “entonações muito bem compreendidas pelas crianças especiais. Elas conseguem entender a diferença de uma negativa como: não pode! E um elogio como: parabéns! Esta pode ser uma forma de comunicação da criança que não fala e está em sala de aula, ela pode estar tendo modulações de voz diferentes para cada resposta que queira dar”; comunicação gestual - “Pode ser utilizada pela pessoa, quando, por exemplo, ele pega um copo ou quando vai na direção da porta, com certeza ele deve estar querendo dizer algo.”; comunicação gráfica - “Como exemplo, têm aquela grande rede de *fast food*, cujo letreiro tem a letra “M” bem grande. Pois bem, qual a criança que ao passar por esta rede não sabe que lá tem batata-frita?” ou silêncio - “proporciona a possibilidade de exercitarmos mais a observação, que é fundamental para qualquer trabalho escolar e terapêutico.” (Miranda in Instituto Indianópolis).

Reforçando a base de que os autistas podem utilizar uma Comunicação alternativa, Ferreira, Teixeira & Britto desenvolveram um estudo comprovando que os atos comunicativos utilizados pelos indivíduos expressam-se através do meio gestual utilizando a voz para complementar os inúmeros gestos (Ferreira, Teixeira & Britto 2010, p.7). No entanto, segundo o mesmo estudo, é importante salientar o facto de as pessoas portadoras de perturbações no Espectro do Autismo exigirem que se tenha de valorizar as habilidades de cada um, minimizando as dificuldades próprias e pessoais. Todos os autistas são diferentes uma vez que se englobam em variantes distintas, como tal, devem ser agrupados e estudados com discrição (Ferreira, Teixeira & Britto 2010, p.8). “As crianças com Autismo são um grupo muito heterogéneo e as intervenções devem ser adaptadas (Ozonoff, Rogers & Hendren 2003, p. 175).”

Apesar dos símbolos pictóricos representarem as estratégias mais utilizadas para abordar e ajudar este público, é importante salientar que as técnicas devem ser adaptadas em concordância com a severidade de Autismo a que lhes é inerente. Como tal, segundo um estudo de Oliveira (2009, pp.27-28), os profissionais e a família desempenham um papel muito importante no desenvolvimento de uma criança autista. A descoberta de um diagnóstico precoce e o papel que a sociedade carrega na inclusão destes indivíduos são

fulcrais para o desenvolvimento comunicacional, são capazes de lhes proporcionar maior interação e progresso (Martins 2009, p.54).

De entre estes três grandes tópicos, o tema recai sobre uma vertente do Espectro do Autismo, mais concretamente a Síndrome de Asperger, num meio social e digital – o *Facebook*.

METODOLOGIA

Foi importante analisar estudos de vários autores em volta de temas de carácter associativo, desde uma perspetiva histórica sobre o Espectro do Autismo até à Internet como Meio de Comunicação. Verificando-se que os três tópicos que esta análise incide são: o Espectro do Autismo, a Inclusão Social e Digital e a Comunicação eficiente através da Internet

Assim, este estudo pretende remeter para as relações comunicativas interpessoais, através da Internet, em concreto, nesta massiva rede social (Figura 2).

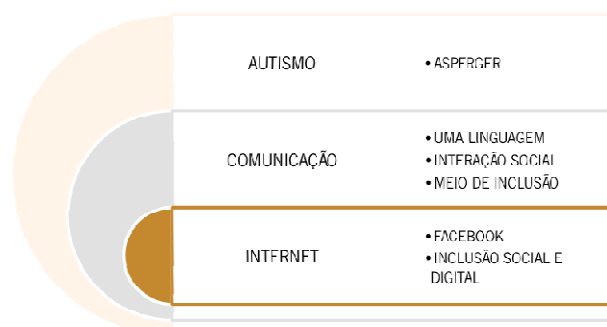


FIGURA 2
TEMAS

Para a análise de conteúdo foram definidos parâmetros de avaliação, de acordo com a própria organização das páginas presentes no *Facebook* agrupando-se em quatro categorias principais.

Foram identificadas quatro áreas de intervenção que se pretende analisar denominadas por: M (Mural), I (Informação), F (Fotos) e A (Amigos), sendo que se excluiu o grupo de “Notas” e “Subscrições” uma vez que o tipo de informação que se poderá recolher, já é conseguido através dos quatro itens anteriores (Figura 3).



FIGURA 3
EXEMPLO DE UM PERFIL

Sendo a categoria M onde, normalmente, os utilizadores do *Facebook* colocam e partilham os seus estados de espírito ou meros pensamentos momentâneos ou refletidos; fotografias do seu interesse ou vídeos pontuais que marcam algo no seu ponto de vista ou de outros pontos de vista diferentes do seu; pretende-se verificar se os indivíduos em estudo, comunicam e interagem de acordo com estas funções e quais os processos que utilizam para tal comunicação

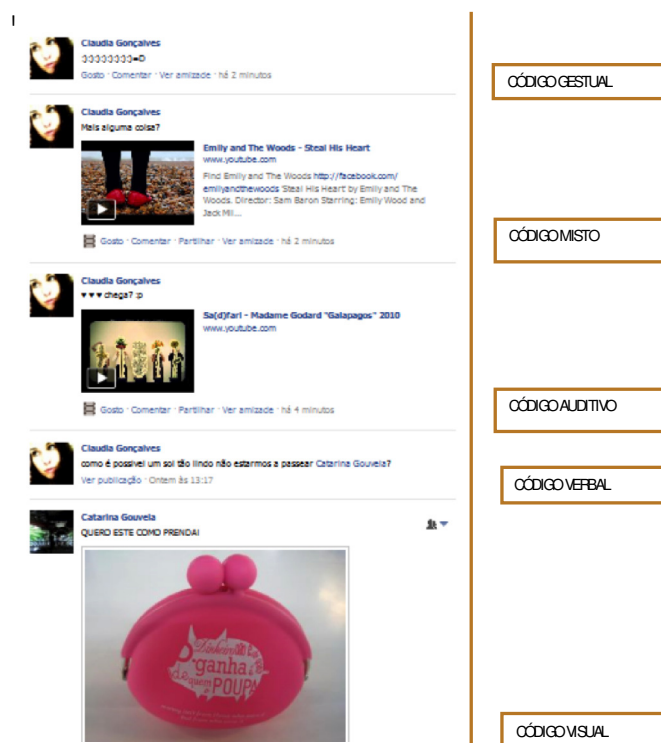


FIGURA 4
EXEMPLO DE CÓDIGOS EM PUBLICAÇÕES

Através desta categoria pretende-se compreender os tipos de interação social/digital com outros utilizadores: qual o código (verbal, visual, auditivo, gestual ou misto) mais utilizado por eles, assim como perceber o que pretendem comunicar através dos vários códigos (Figura 4); perceber se jogam apenas por influência dos amigos, ou se realmente têm algum interesse pelo respetivo jogo, comunicando o tipo de raciocínio do indivíduo. Resumidamente, pretende-se compreender a tipologia que engloba as interações destes indivíduos num ambiente digital deste carácter.

Relativamente à categoria F, esta permite perceber se existe algum tema que seja mais usual por eles e entre eles, ou seja, o interesse é entender se publicam fotos com determinado carácter e se existe algum tema predominante na amostra; e por fim perceber como categorizam esses álbuns através de um código verbal, ou seja compreender a linguagem utilizada como legenda.

Por outro lado, será importante perceber que tipo de “Informação” pessoal eles transmitem/comunicam aos

outros: quais os interesses, o que falam sobre si, etc.. Desta forma poderá verificar-se a existência ou não, de uma relação de sintonia entre as características do diagnóstico e o mundo da conectividade com as redes sociais, isto por comparação com a comunicação/interação social “cara-a-cara”. Ou seja, neste contexto, verifica-se nos indivíduos com Síndrome de Asperger, a tendência para um tema muito particular tal como habitual?

Por último, a categoria A carrega um valor acrescido, pois permite: refletir sobre a integração destes indivíduos na sociedade; perceber se tentam conectar-se e interagir com outros indivíduos da rede, ou se apenas comentam as publicações do seu próprio perfil; perceber que tipo de fotografias eles comentam mais e através de que código; verificar se existe uma relação entre o *like* e o carácter da publicação do amigo, tendo em conta os parâmetros anteriores; e também compreender se existe alguma ligação entre o tipo de código utilizado nessas identificações, com os seus gostos pessoais ou sobre os dados que se podem obter noutras categorias. Em suma, nesta categoria, pretende-se estudar a interação desenvolvida através das publicações entre os utilizadores-alvo.

É importante evidenciar, que em todas as categorias referidas, a comunicação e interação social/digital serão os principais alvos de estudo, tendo em conta as características dos indivíduos com estas redundâncias e a problemática deste trabalho em si.

ESTUDO

Neste estudo as variáveis independentes englobam apenas três características: sexo do adolescente (variando entre duas categorias: feminino e masculino); idade (não existindo qualquer limitação) e acompanhamento do indivíduo em alguma instituição (categorizada através de um “sim ou não” como resposta, mencionando a respetiva instituição e a frequência das consultas). Estas respostas são obtidas através de pequenas entrevistas, aos próprios sujeitos ou aos seus encarregados de educação.

Por outro lado, as variáveis dependentes dizem respeito às quatro categorias referidas anteriormente, nomeadamente “Mural”, “Informação”, “Fotos” e “Amigos” (Figura 5).

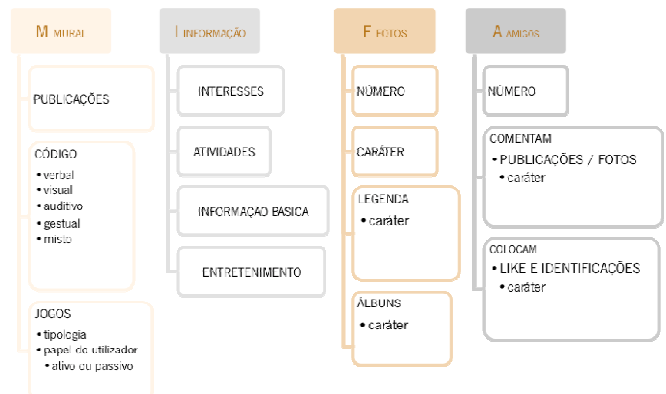


FIGURA 5
CATEGORIAS E ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDOS

Para abordar um maior número de indivíduos optou-se por “caminhar” através de diversas associações/instituições/centros de apoio, entrando em contacto via correio eletrónico ou mensagem instantânea através da rede social. Após uma listagem dessas mesmas identidades, foram enviados pedidos de colaboração com o estudo “Comunicação Eficiente com Autistas através da Internet”. Para as associações/instituições/centros de apoio que se mostraram interessadas/os em colaborar foi enviado um documento de pedido de colaboração oficial, juntamente com uma outra carta que seria reencaminhada para os pais (Anexo 10.1 e 10.2). Nesse documento, para os pais ou encarregados de educação, consta um cabeçalho para que estes possam assinar, caso autorizassem a utilização da página do seu filho/educando, para o presente estudo da investigadora. Consta ainda, um item onde a investigadora se responsabiliza pela confidencialidade, assim como por apagar todas as ligações ao estudo em questão, divulgadas pela página do *Facebook*.



FIGURA 5
CATEGORIAS E ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDOS

Após recolhidos e identificados os jovens pertencentes à amostra do estudo, estes foram codificados, aleatoriamente consoante uma letra do abecedário. Tal acontece para que

neste documento não apareça qualquer outro tipo de informação.

De acordo com a problemática do projeto e os seus objetivos, é relevante refletir sobre algumas hipóteses plausíveis. É importante pensar e calcular a probabilidade acerca de suposições que reflitam sobre alguns parâmetros da amostra populacional selecionada, sendo que estes parâmetros são fundamentados ou surgem de acordo com um enquadramento teórico. Foram então colocadas como hipóteses para este estudo as seguintes:

- Hipótese 1: A interação social/comunicação desenvolvida, através do *Facebook*, pelos sujeitos com algum tipo de acompanhamento ou intervenção por parte de alguma instituição/centro é diferente, quando as consultas interventivas são muito pontuais ou constantes.
- Hipótese 2: A característica de diagnóstico, “interesse restritivo por um tema específico”, é verificável através da categoria Informação, que contempla as páginas no *Facebook*.
- Hipótese 3: O fator idade determina o tipo e a frequência dos processos interativos, que a pessoa desenvolve através do *Facebook*.
- Hipótese 4: O *Facebook*, devido às suas características comunicacionais, é um meio de inclusão social e digital, aproximando estes indivíduos da sociedade.
- Hipótese 5: Dentro do grupo de indivíduos, com Síndrome de Asperger, existem diferentes formas de comunicar e interagir na rede. Verifica-se que todos eles, apesar de apresentarem características semelhantes, diferem.
- Hipótese 6: É notória a predominância no uso de um código, visual ou auditivo, na página individual de cada sujeito, com as características de um Aspie.

DESENVOLVIMENTO EXPERIMENTAL

Para efetuarmos o trabalho experimental foram estudados os conteúdos durante seis meses dos indivíduos que constituíam a amostra a analisar. Para complementarmos esta análise realizou-se um pequeno questionário a todos os intervenientes do estudo. estando as questões sumariadas na tabela 1. As questões colocadas foram as seguintes:

- IDADE ATUAL DO SUJEITO? (I)
- COM QUE IDADE LHE FOI DIAGNOSTICADO O AUTISMO? (ID)
- ACOMPANHAMENTO ESPECÍFICO?(A)
- TERAPIAS, PSICÓLOGO, ENTRE OUTROS SE SIM, COM QUE FREQUÊNCIA?(FREQ)

<u>SUJEITO</u>	<u>IDADE</u>	<u>IDADE DIAGNÓSTICO</u>	<u>ACOMP</u>	<u>FREQ</u>
A	15	3	S	15 dias
B	39	36	N	
D	15	3	S	15 dias
E	17	13	N	
F	33	31	N	

G	21	11	N	
I	23	10	N	
J	24	22	S	2v/ano
L	34	1	S	2v/ano

TABELA 1

DADOS OBTIDOS NAS QUESTÕES INICIAIS

A interação social dos sujeitos que englobam a amostra, foi determinada a partir do nível de participação e interação. Os dois caracterizam-se de acordo com um conjunto de comportamentos praticados pelos sujeitos. Ao nível da participação considera-se um papel passivo se o sujeito não participa, apenas observa; ativo se participa voluntariamente; ou reativo se o sujeito participa quando o outro solicita. Por outro lado, ao nível da interação e segundo a caracterização de Wing, o sujeito contempla um papel: passivo, se aceita aproximações sociais mas nunca inicia uma interação social; isolado, se o comportamento com os outros não existe, ou é apenas por necessidade; hiperformal, se o sujeito é extremamente educado e formal na sua conduta e fala, inicia a interação social e pode manter diálogos corretos; e ativo-porém-estranho, se realiza interações ativas para seus mediadores, raramente para outros utilizadores, de forma estranha em geral para repetir comportamentos estereotipados (Passerino 2005, p.140). No quadro 2 são apresentados os dados obtidos neste estudo relativamente a estas variáveis.

<u>SUJEITO</u>	<u>PARTICIPACÃO</u>	<u>INTERACÃO</u>
A	Passivo	Passivo
B	Ativo	Isolado
C		
D	Reativo	Passivo
E	Ativo	
F	Ativo	
G		
H	Reativo	Interação Hiperformal
I	Passivo	Isolado
J	Ativo	Isolado
L	Reativo	Passivo

TABELA 2

NÍVEL DE PARTICIPAÇÃO E DE INTERAÇÃO

Não foi possível atribuir nenhum adjetivo a nível da interação aos sujeitos F e E em virtude destes não obedecerem características das descrições de perfil.

Da análise de conteúdo das quatro categorias (Mural, Informação, Fotos e Amigos), verifica-se no ícone Mural que apesar de existir um uso variado de diferentes códigos, os mais utilizados por públicos desta especificidade são os visuais e auditivos, nomeadamente a mistura dos dois independentemente daquilo que queiram comunicar: desde um vídeo musical, a um documentário sobre autismo ou até uma parte de um jogo. São estes meios de comunicação que deixam fluir as conversas mais naturalmente, são os

elementos visuais e/ou auditivos que se tornam uma ação mediadora mais eficaz, pois é mais fácil e mais motivador para eles. Relativamente aos jogos que existem ligados à rede, verifica-se que, quando relevantes, estes são sinónimo de um interesse específico, não se tornando uma característica geral capaz de definir a atitude na rede social.

Por outro lado, analisada a categoria F (Fotos), esta assim como, nas publicações, no respetivo mural de cada perfil, vão de encontro com os interesses restritos de cada um, também as fotografias postadas seguem essa lógica. Não existe um tema predominante entre eles que se torne bastante relevante, mas é importante sublinhar que nos indivíduos mais adultos as fotos refletem uma perspetiva de preocupação com a sociedade, com a abordagem ao tema de integração e inclusão de todos.

Quanto à organização das fotos através da criação de álbuns, foi difícil obter com exatidão os álbuns criados com o intuito de comunicar algo e de forma organizada. O que se verifica é que muitas vezes o álbum de mural tem dezenas de fotos e os outros apenas 1, 2 ou 3, talvez porque o processo de colocar uma foto no mural é mais fácil e prático, do que criar um álbum para colocar fotos de diversos temas.

Perante a categoria I (Informação) conclui-se que esta é aquela em que eles, na sua maioria, dão menos importância. Mas na realidade é aquela que em geral, não falando especificamente deste grupo de pessoas com Perturbações no Espectro do Autismo, recebe menos “dedicação” por parte dos utilizadores principalmente nas idades mais jovens. Obviamente que esta categoria ganha maior relevância quando os utilizadores se tornam identidades, comunidades ou diferentes negócios, cujo o intuito é comunicar mas também informar.

Todavia, em muitos dos casos, no grupo selecionado como amostra, verifica-se que existe uma relação de sintonia entre as características do diagnóstico e o mundo da conectividade com as redes sociais, isto por comparação com a comunicação/interação social “cara-a-cara”. O interesse num tema específico começa por revelar-se através das informações e continua a comunicar através das restantes categorias, complementando-se.

Por último, o ícone Amigos torna-se relevante refletir e complementar as interações e os meios comunicativos. Estes sujeitos não colocam identificações porque o seu intuito não é proporcionar um diálogo, eles percebem que têm de comunicar mas não compreendem a necessidade de interagir.

Relativamente à hipótese 1 não se verificou a existência de nenhuma relação entre o tipo de acompanhamento/intervenção médico ou terapêutico, e a interação social e veículo de comunicação. Pelo contrário, alguns indivíduos da amostra não têm qualquer acompanhamento (por exemplo sujeito denominado E. e F.) e são aqueles que mais interagem e com maior intenção de comunicar, comparativamente com o indivíduo denominado A. ou D. Tendo em conta outra característica dos sujeitos, a interação social/ comunicação desenvolvida através do

Facebook poderá estar relacionada com a variável independente – idade, em semelhança com um indivíduo dito normal.

Por outro lado no que diz respeito à hipótese 2 verifica-se que esta é muito implícita, mas nem sempre através da categoria I. Apesar de demonstrarem os interesses particulares escolhem vários códigos separados ou em simultâneo para comunicarem, utilizando tanto as publicações no mural como as fotos, as partilhas com outros utilizadores ou as informações dadas no ícone Informação. Por exemplo o sujeito denominado pela letra H, demonstra um grande interesse por futebol; o indivíduo B, fica fascinado pelas fotos de transportes, em particular o metro ou o comboio; o sujeito A, gosta do desporto, especificamente a natação; ou o denominado J, que é fã de música... mas todos estes comunicam os seus mundos através de meios diferentes, jogos na rede, fotos no mural, links publicados e partilhados ou dezenas de vídeos do *Youtube* no mural, respetivamente. É importante salientar que neste grupo, os mais adultos têm tendência para “falar” mais sobre o tema Autismo, sobre os problemas/barreiras e notícias atuais, possivelmente numa tentativa de sensibilizar e demonstrar que eles se conseguem integrar a sociedade.

Verifica-se que a idade é realmente um fator que se revela influenciador, determinando o tipo e a frequência dos processos interativos que os *Aspies* desenvolvem através do *Facebook* (hipótese 3). Esta determina o tipo e a frequência dos processos interativos, que a pessoa desenvolve através do *Facebook*. Para além disso o fator integração/inclusão podem adquirir uma importância diferente aquando determinada idade, porque ao nível do tempo e de acordo com o contexto pessoal de cada indivíduo o desejo, que se contrapõe a uma frustração, podem aumentar por consequência de variáveis de carácter profissional, familiar ou amoroso.

Perante a hipótese 4 considera-se que apesar da inclusão digital e social se verificarem, não são essas características do *Facebook* que tornam a comunicação eficiente. Ou seja, embora estejam aparentemente incluídos, digitalmente e socialmente, as características que a rede lhes proporciona não são eficientes para os incluir na totalidade, porque por si só, não são elas que os envolvem numa interação. A interação sujeito – *Facebook* – sujeito é muito peculiar ou reticente, porque no grupo... ou o sujeito não publica de forma a interagir (considerando isto porque está sempre virado aos interesses dele, ao publicar múltiplas vezes os mesmos temas); ou tem reações que parecem mecanizadas perante outros utilizadores; ou não parte deles a interação; ou quando interagem sobre outros: deixam conversas por terminar e escrevem de forma estranha, com linguagem formal, pouco expressiva. Como por exemplo: o indivíduo denominado D, consegue colocar mais de 24 vídeos sobre determinado jogo, em apenas num dia; o indivíduo H, quando comentam o seu perfil para o felicitar pelo seu aniversário, ele responde sempre de acordo com a publicação do utilizador (como está descrito no capítulo V);

o indivíduo L, aquando uma foto engraçada é capaz de fazer perguntas sérias ou mais uma vez o sujeito H, que dá os parabéns sempre da mesma forma (isto verificou-se pelo menos 25 vezes num período de 6 meses), respetivamente.

No que confere à 5ª hipótese selecionada “Dentro da amostra de indivíduos, com Síndrome de Asperger, existem diferentes formas de comunicar e interagir na rede”, esta verifica-se, uma vez que todos utilizam códigos distintos, mesmo que o código visual e/ou auditivo, seguido do verbal, sejam aqueles mais utilizados por eles (: É notória a predominância no uso de um código, visual ou auditivo, na página individual de cada sujeito, com as características de um *Aspie*. No entanto, notória não será a palavra certa para determinar o uso do código visual e/auditivo mesmo que seja bastante frequente o uso dos mesmos. Tal facto justifica-se pelas características próprias de um autista, em conseguir comunicar com mais eficiência através destes meios pela capacidade de absorver muitos sons ao mesmo tempo e conseguirem tirar dezenas e dezenas de fotos de um momento com um só olhar. Factos que foram referidos no enquadramento teórico (capítulo III, alínea 3.4)

CONCLUSÕES

O mundo do autismo é diferente e habita num plano subjacente. É sustento em dificuldades, mas nem todos esses défices são transpostos para as múltiplas realidades da rotina diária. Tendo o *Facebook*, como um meio comunicativo com indivíduos com Síndrome de Asperger, é importante salientar que através deste estudo não se procurou estabelecer uma diferença entre utilizadores, mas sim perceber a relação entre um utilizador distinto e todas as particularidades que integram a essência desta rede social.

Nesta rede social temos a oportunidade de comunicar através de qualquer ato, ainda que, por vezes, deficitariamente, resultante de regras estruturais que definem esta rede na sua globalidade. Quando alguém adere a esta rede social, desde logo está a comunicar a sua necessidade de inclusão... se este adere mas nunca utiliza a rede, está a comunicar a sua passividade... mas a eficiência desta enquanto rede é quase diminuta.

A estruturação, em certa medida, rígida na organização da plataforma – que varia entre duas tipologias – pode também traduzir-se numa facilidade na comunicação aquando de um utilizador autista, devido ao conforto provocado pela utilização mecanizada. O uso de cores constantes e em número reduzido, na globalidade, podem ser elementos-chave na compreensão da utilização desta plataforma requerendo esforços sensoriais mais reduzidos.

Um indivíduo Autista, na generalidade, começa a obter na adolescência, consciência de que as relações entre indivíduos inseridos numa sociedade, não se baseiam em comportamentos resultantes de leis mecanizadas que eles próprios constroem. Através do contacto com uma cultura de socialização, percebem que os seus colegas mantêm relações de amizade levando à necessidade de exploração do conceito

Amizade, apesar de não possuírem estratégias de desenvolvimento e consolidação de comportamentos relacionados com este termo. A ausência destes pilares que sustentam atitudes neste sentido, impede-os de ter, muitas vezes, comportamentos socialmente aceites. Este tipo de situações pode originar posteriormente preocupação na utilização das várias plataformas de integração social especialmente o *Facebook*, ao tentarem preventivamente, não serem alvo de chacota e consecutivamente discriminação.

Efetivamente, estes sujeitos comunicam mais através de códigos visuais e/ou auditivos (vídeos ou imagens), seguindo-se com uma menor frequência a utilização de códigos verbais (frases escritas). Não significa que existam diferenças vincadas na tipologia de comunicação entre estes dois grupos, pois possivelmente, também qualquer usuário comum poderá utilizar estes códigos como fios condutores no verbo comunicar dentro desta rede social.

Apesar dos meios comunicativos utilizados serem na sua globalidade de naturezas comuns, os seus conteúdos podem variar de usuário para usuário. Contudo, na comunidade de utilizadores com esta síndrome, são perceptíveis interesses direcionados para temas muito específicos, que variam de indivíduo para indivíduo, ao invés da generalidade dos restantes usuários. Este interesse temático resulta numa interação ao nível intrapessoal, que não tem como objectivo a comunicação utilizador – *Facebook* – utilizador(es). As suas publicações chegam a ser às 25 por dia, todas da mesma natureza, traduzindo-se numa perda de informação na página principal, a página da “cusquite”.

Finalmente após uma reflexão sobre a conjunção destes dois complexos temas foi impossível obter dados exatos ou quantitativos; abrindo-se um leque de possibilidades e hipóteses capazes de serem supridas num futuro. Considera-se no entanto que este estudo poderá tornar-se numa mola de arranque para outras análises e investigações, tanto relativamente ao autismo como a nível do *Facebook* e suas interações.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association, *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*, 4ª ed, Climepsi Editores, Lisboa.

“Autista Genial” 2005, National Geographic, n.º 48, pp. 22-25.

Autism Speaks n.d., How Common Is Autism?. Consultado em agosto 3, 2011, em <http://www.autismspeaks.org/what-autism>

Dumortier, D 2002, *Autismo na primeira pessoa*, Intermedia Books, Suécia.

- Facebook n.d., “Estatísticas”. Consultado a outubro 28, 2011, em <https://www.facebook.com/press/info.php?statistics>.
- Federação Portuguesa de Autismo, Autismo. Consultado a outubro 13, 2010, em <http://www.appda-lisboa.org.pt/federacao/>
- Ferreira, JP & Miguel, IR 2009, “*Cultura e redes sociais: a Internet – um novo espaço público*”, Tese de doutoramento.
- Ferreira PR, Teixeira EVS & Britto DBO 2010, *Relato de caso: descrição da evolução da comunicação alternativa na pragmática do adulto portador de autismo*. Consultado a outubro 20, 2010, em <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2010nahead/87-09.pdf>.
- Ferreira, NAA 2009, “*A competência comunicativa na criança portadora da problemática de síndrome de Asperger*”, Trabalho realizado no âmbito do seminário de projecto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Consultado a outubro 15, 2010, em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/275>.
- Geraldes, SA 2005, “*Necessidades dos Pais de Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo: Estudo Desenvolvido em Três Instituições Especializadas da Cidade do Porto*”, Monografia, Universidade Fernando Pessoa. Consultado a outubro 14, 2010, em <https://bdigital.ufp.pt/dspace/handle/10284/822>
- Martins, SJ 2009, “*Interação social em jovens com síndrome de asperger*”, Trabalho realizado no âmbito do seminário de projecto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Consultado a outubro 14, 2010, em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/364>.
- Oliveira, AMBC 2009, “*Perturbação do Espectro do Autismo – A comunicação*”, Trabalho realizado no âmbito do seminário de projecto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Consultado a outubro 14, 2010, em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/282>.
- Oliveira, IM 2009, “*Contributos de um programa baseado na Dançoterapia/Movimento Expressivo no desenvolvimento da Comunicação Não-Verbal em crianças e jovens com PEA*”. Consultado a janeiro 20, 2011, em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4803/3607>.
- Oliveira, J& Jardim, M, “*Terapia pela arte – numa abordagem hermenêutica*”, Projecto de doutoramento, Universidade Fernando Pessoa. Consultado a outubro 18, 2010, em <https://bdigital.ufp.pt/dspace/handle/10284/967>
- Oliveira, M & Santos, A, “*A Arterapia: Os Efeitos Terapeuticos da Expressão Plástica e a sua Influência no Comportamento e Comunicação da Criança*”. Consultado a janeiro 19, 2011, em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/86/Cad_1_Arterapia.pdf?sequence=1.
- Passerino, LM, Montardo, SP & Bez, MR 2007, “*Acessibilidade digital em sites de publicação de blogs e em blogs: limites e possibilidades para a socialização on-line de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE)*”. Consultado a agosto 20, 2011, <http://www.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ASandraMontardo-LilianaPasserino-MariaBez.pdf>
- Passerino, LM 2005, “*Pessoas com Autismo em Ambientes Digitais de Aprendizagem: estudo dos processos de Interação Social e Medição*”, Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Consultado a março 14, 2010, em <http://hdl.handle.net/10183/13081>
- Passerino, LM, Santarosa, LMC & Tarouco, LMR 2006, “*Pessoas com Autismo em Ambientes Digitais de Aprendizagem: estudo dos processos de Interação Social e Mediação*”, Artigo, XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Consultado a agosto 20, 2011, em <http://ceie-sbc.tempsite.ws/pub/index.php/sbie/article/view/465>.
- Pereira, JAM & Pereira, MH 2006, *Inclusão digital: um caminho para a inclusão social*, Batatais.
- Polo, JD 2010, “*Whiz Kid Games – Um site de jogos para crianças autistas*”. Consultado a outubro 20, 2011, em <http://br.wwwwhatsnew.com/2010/07/whizkidgames-um-site-de-jogos-para-criancas-autistas/>.
- Sally, O, Sally, JR & Hendren, R 2003, *Perturbações do Espectro do autismo – perspectivas actuais*, 1ª ed, Climepsi Editores, Lisboa.
- Schiller, D 2002, *A Globalização e as Novas Tecnologias*, Editorial Presença, 1ª ed., Lisboa.
- The National Autistic Society n.d., *Autism and Asperger syndrome: some facts and statistics*. Consultado em agosto 2, 2011, em <http://www.autism.org.uk/about-autism/autism-and-asperger-syndrome-an-introduction/what-is-autism.aspx>
- The National Autistic Society n.d., *What is autism*. Consultado em agosto 2, 2011, em <http://www.autism.org.uk/about-autism/autism-and-asperger-syndrome-an-introduction/what-is-autism.aspx>.